



Guilherme Purvin <gpurvin@gmail.com>

Re: [GP-LEDAL] Ata da Reunião de 29-06-2026

1 mensagem

'Guilherme José Purvin de Figueiredo' via Grupo de Pesquisa - Literatura, Ecologia e Decolonialidade/America Latina <gp-ledal@googlegroups.com>3 de agosto de 2026
às 19:17

Responder a: gp-ledal@googlegroups.com

Para: gp-ledal@googlegroups.com

Sim, claro! Vou corrigir.

Em seg., 3 de ago. de 2026 às 19:11, Audrey <audrey70a@gmail.com> escreveu:

Olá professor! Tudo bem?

Quanto ao item número 09, pelas minhas anotações, fiquei com "Pesadelo", composta por Paulo César Pinheiro em parceria com Maurício Tapajós. Foi até uma sugestão tua e já comecei as pesquisas. Posso continuar com ela? Gratidão!

Em seg., 3 de ago. de 2026 às 18:45, 'Guilherme José Purvin de Figueiredo' via Grupo de Pesquisa - Literatura, Ecologia e Decolonialidade/America Latina <gp-ledal@googlegroups.com> escreveu:

GP-LEDAL

Grupo de Pesquisa Literatura, Ecologia e Decolonialidade na América Latina — FFLCH/USP

Relato de Encontro

Manuel Scorza, Garabombo, el invisible — capítulos 11 a 16

Data: 29/62026

Presentes: Ana Cristina Bonchristiano, Audrey R. Quast, Dina Santana Santos, Elisabete Brockelman, Gisele Scavasin, Guilherme Purvin, Karla Cristina Cunha Silva, Marcos Alcyr Brito de Oliveira, Marina Yukawa e Verônica Diana Cardozo.

1. Retomada e leitura dos capítulos 11 e 12

Karla ficou responsável pelos capítulos 11 e 12 e retomou o fio da narrativa. Depois que o fazendeiro Don Gastón repartiu as terras, deixou os comuneiros mais velhos sem terra — situação que motiva a viagem proposta ao governador para reclamar dos direitos negados. No capítulo 11, ao voltar de Lima, Remígio reencontra o bobo Leandro e o Braço de Santo. Leandro, por desavença com o “genro número um”, fora condenado a passar uma semana no chiqueiro; como o genro viajou e demorou, o castigo estendeu-se por nove meses, ao longo dos quais Leandro comeu e dormiu com os porcos, saindo de lá a murmurar que era Jesus Cristo. Remígio escreve então duas cartas ao presidente da República: uma pedindo uma perna nova; outra, a pedido de Leandro, solicitando um peão (pião) — e o presidente, na narrativa, concorda com o pedido.

Karla deteve-se no simbolismo do pião, que segundo sua pesquisa ultrapassa o brinquedo infantil e condensa três sentidos no realismo mágico andino. O primeiro é o do tempo circular e da cosmologia andina: o giro perpétuo como imagem do eterno retorno, em que o passado reconfigura o presente — a mesma labuta do povo, cujos direitos são reconhecidos e ao mesmo tempo negados —, associado ainda ao mito de Inkarrí, que simboliza a esperança do retorno da justiça e da ordem indígena originária contra a opressão. O segundo é o do equilíbrio diante do caos: para permanecer de pé, o pião precisa girar sobre um único ponto, imagem da resistência camponesa que mantém uma identidade estável em meio à violência e às injustiças. O terceiro é o da hipnose dos governantes: no romance, o pião fascina o presidente por figurar o controle absoluto e a ilusão do poder, numa inversão em que o brinquedo se torna arma política nas mãos do bobo Leandro.

O capítulo 12 acompanha a viagem de Garabombo, Bustillos e Remígio a Lima em busca de quem denuncie o abuso de Don Gastón. Viajavam de noite e escondiam-se de dia. Munidos de uma carta do sacristão, procuram Clemente Espinosa, que não pode ajudá-los mas os orienta a buscar apoio na cidade; acabam encontrando o advogado Dr. Basurto, que trata bem os comuneiros, pede um adiantamento e combina defender a causa mediante a contribuição mensal de um sol por comuneiro. Dois eram os motivos da demanda: as terras e os documentos de posse — o título que atestava a propriedade da comunidade —, mantidos sob vigilância dos fazendeiros. Ao retornarem, encontram a cidade em rebuliço: falsas acusações de furto de um objeto de valor da igreja levam à prisão de doze comuneiros, que resistem à exigência de jurar diante do retrato do fazendeiro [Gaston \(Gaspar\)](#). A resistência dura vários dias, sob suposta tortura, até que o primeiro deles cede na oitava noite, cuspiendo sangue. Diante da traição do advogado — que Garabombo reencontra em conluio com o “genro número um” — e da ordem de prisão que recai sobre os próprios líderes, os comuneiros consultam as folhas de coca; é nesse momento que Garabombo torna a declarar-se invisível, encerrando o capítulo.

2. A conexão dos capítulos e a natureza da invisibilidade

Observou-se que os capítulos 11 e 12 são os mais conectados entre si — o que retoma a discussão anterior do grupo sobre a fragmentação cronológica do romance e sua aproximação com a estrutura das baladas e do réquiem —, parecendo complementar-se na ida e na chegada a Lima.

Discutiu-se ainda a natureza da invisibilidade de Garabombo: ao longo do romance, ora ele acredita estar invisível, ora afirma que nunca o esteve, e que na verdade as pessoas não o enxergam por desprezá-lo — condição de que ele se aproveita continuamente, com sua autoconfiança e suas gargalhadas, e que o converterá em liderança da luta. Sublinhou-se também o teor da resistência dos doze: além de política, ela tem fundo religioso, pois os comuneiros reagem ao sentir profanada a fé de sua igreja pela ação policial, o que explica a reação conjunta do grupo. Esse foi, como se notou, o primeiro momento em que os comuneiros se atrevem a resistir e tomam consciência da força que teriam se unidos.

3. Capítulos 13, 14 e 15

Gisele apresentou os capítulos 13 a 15. O capítulo 13 recua no tempo em relação ao 12 e narra a vigilância montada pelos fazendeiros diante da casa de Juan Lovatón — presidente da comunidade e farmacêutico —, para impedir que dele saíssem os títulos de propriedade. O padre Chasán, ao ausentar-se, confiara os documentos a Lovatón. Ainda que o juiz Montenegro contestasse a validade dos títulos anteriores à República, os latifundiários reconheceram que aquela frágil papelada bastava para acender a faísca de uma quimera entre os comuneiros, e por isso montaram vigília permanente. Quando o ânimo já esmorecia, Morales lembrou-se da invisibilidade de Garabombo, convocado então a retirar os documentos: entrou na casa e saiu com os títulos sob o poncho, para posterior validação em Lima. Conclui-se que Garabombo usava sua desgraça em favor da comunidade.

O capítulo 14 demonstra as vantagens da invisibilidade. Félix Atencio Robles narra a Melecio Cuéllar — cunhado de Garabombo — a prisão de colonos que haviam reclamado a propriedade comunal da terra: por ordem do juiz Montenegro, foram presos, e Sixto Manzanedo, com outros dez homens, derrubou suas casas e expulsou as famílias das fazendas. Diante disso, Cuéllar conclui que não há mais o que reclamar: é preciso recuperar as terras pela força, pois os títulos de 1711 garantem a posse legítima dos comuneiros. Conta-se que Garabombo, valendo-se da invisibilidade, retirara os títulos da casa de Lovatón sob as barbas dos guardas — documentos já em Lima — e passara a percorrer as fazendas recolhendo assinaturas para destituir o procurador Remígio Santis. Ainda que alguém descreia, lembrando que os peões nunca abandonam os patrões, o capítulo encerra com delegados de peões de várias comunidades comprometendo-se a apoiar o movimento sob o comando de Garabombo.

O capítulo 15 é uma nova carta do menino Remígio, desta vez dirigida à prefeita de Yanahuanca — identificada como esposa do juiz Montenegro. Embora assinada como anônima, a carta o denuncia de imediato: o remetente informa ter passado a usar óculos sem lentes. Nela, candidata-se à vaga de professor em Yanacocha e expõe um “programa presidencial” que extravasa o cargo pretendido, manifestando insatisfação com o estado das coisas e propondo mudanças profundas; ataca a prefeita e o marido, e ostenta crescente confiança na própria escrita. Um ponto ficou em aberto: a passagem em que promete modificar o escudo, conservando o “corno da abundância” e introduzindo o “símbolo reclamado por milhões de más línguas” — as tesouras.

4. Debate: as tesouras e o “corno da abundância”

O sentido das “tesouras” mobilizou várias hipóteses. Uma remete à dança das tesouras (danza de tijeras), patrimônio cultural imaterial do Peru e característica da serra andina — inclusive da região de Yanacocha —, dança acrobática de forte carga espiritual, executada tradicionalmente por homens, ligada às divindades andinas e, em algumas leituras, a pactos de sincretismo religioso. Outra hipótese, levantada por Karla, leu as “más línguas” como boato sobre a sexualidade da prefeita, associando as tesouras a um símbolo lésbico. Ana propôs, alternativamente, que a figura remeteria ao gesto de cortar as línguas fofoqueiras, num brasão inventado. Discutiu-se ainda o “corno da abundância” como a cornucópia — provável referência ao brasão e à bandeira do Peru, cujo escudo representa a riqueza natural do país nos três reinos da natureza (animal, vegetal e mineral). Ponderou-se, por fim, que o tom delirante e digressivo das intervenções do menino Remígio destoa do restante da narrativa, o que torna a passagem deliberadamente enigmática.

5. Apontamento histórico-jurídico: Leguía e a Constituição de 1920

A propósito da fala do juiz Montenegro no capítulo 13 — segundo a qual o presidente Leguía teria anulado todos os títulos de propriedade anteriores à República —, registrou-se uma retificação histórica. Trata-se de Augusto B. Leguía, presidente do Peru em dois períodos (1908–1912 e 1919–1930). Ao contrário do que sugere a fala do juiz, foi justamente sob Leguía que se iniciou o reconhecimento dos direitos territoriais dos povos indígenas: a Constituição peruana de 1920 teria declarado imprescritíveis esses direitos. Observou-se, contudo, que a aplicação da lei admite interpretações disparatadas — um direito reconhecido em tese pode ser esvaziado na prática —, tal como se viu no Brasil nas discussões sobre o marco temporal. Daí o valor do romance também para a área do Direito: Scorza expõe a confiança das comunidades nos títulos, na legislação e na Constituição, e o papel ambíguo do juiz e do Estado legislador. Lembrou-se ainda o caso, hoje recorrente no Brasil e no Peru, de pessoas de ascendência indígena que se formam em Direito para defender juridicamente seus povos, e citou-se um filme “Hija de la Laguna” sobre uma defensora indígena peruana das águas, contra a mineração. Notou-se também como o advogado Basurto é passado para trás e como recebe novo pagamento (300 sóis) para abandonar a causa — prática de que, segundo se comentou, havia muitas denúncias na OAB.

6. Capítulo 16

Marina apresentou o capítulo 16 — “da grande desgraça que Garabombo conheceu quando visitou Yanahuanca” —, mais longo e denso. Em continuidade ao capítulo 13, Garabombo percorre o outono e o inverno inteiros pelas fazendas para reunir as assinaturas que exigem a demissão do procurador Remígio Santis, vencendo pouco a pouco o medo dos trabalhadores. Ao voltar, contente, para dar a notícia a Juan Lovatón, encontra o velório do farmacêutico — que era também presidente da comunidade. Trinta dias depois, realiza-se nova eleição, conduzida pelo próprio procurador Santis, descrito como velhaco, compadre íntimo dos fazendeiros e eterno profeta do pessimismo. Como se desconhece o voto escrito, os candidatos postam-se no centro da praça e os partidários se agrupam atrás de cada um; apenas Amador Caetano — de uma família de reclamadores que guarda todos os recibos de suas demandas (“só em papel selado gastamos mais de 8 000 sóis”) — se apresenta. O

procurador protela a eleição por horas na esperança de outro candidato, mas em vão. Eleito, a primeira medida de Caetano é destituir o procurador, respaldado pelas assinaturas colhidas por Garabombo. Segue-se o entrevero com os fazendeiros; Garabombo reaparece, reafirma que aprendeu seus direitos na cadeia, junto de advogados e políticos, e some quando tentam prendê-lo — restando apenas “o sorriso manso de Caetano e um redemoinho de vento” como prova de sua invisibilidade. O capítulo evoca ainda o “olho de coruja” (nictálope) de Redoble por Rancas: após aquela ameaça, o juiz Montenegro só admitiria em torno de si conterrâneos de confiança, e apresenta o novo sargento, Astocuri. O desfecho é amargo: Amador Caetano, recém-eleito, é preso e torturado, sob a pergunta insistente de quem lhe teria dado tais “ideias revolucionárias”, já que os comuneiros seriam ignorantes das leis.

7. Comentário sobre poder, legalidade e o ciclo do cacau

Marcos comentou o funcionamento do poder na narrativa: o coletivo dos comuneiros não é respeitado, tampouco as autoridades que ele constitui; os gamonales (equivalentes andinos dos “coronéis” brasileiros) apropriam-se da terra pela força e apresentam como favor o que é direito — a comida, a permanência —, cobrando gratidão e tachando de ingratidão a rebeldia. Quando a via legal favorece os comuneiros (a destituição do procurador, os títulos de 1711), aciona-se a força policial para desfazer a farsa da legalidade. Marcos aproximou o processo do ciclo do cacau de Jorge Amado — de Terras do Sem Fim (acumulação primitiva, tomada violenta) a São Jorge dos Ilhéus [[△ título citado como “São Jorge e Daniel” — conferir](#)] (legalização e formação de uma sociedade entre advogados) —, sugerindo que os fazendeiros tenderão a puxar a legalidade para o seu lado e anular o que antes existia. Comparou, por fim, a dinâmica ao uso contemporâneo da força quando a legalidade contraria o interesse dominante.

8. Resistência, martírio e o poder do dinheiro

Verónica Diana destacou a força com que o capítulo figura a resistência — dos que custodiam a casa dos títulos aos que torturam, e dos que se recusam a jurar aos que reclamam suas terras —, sublinhando que muitos são assassinados por não cederem, verdadeiros mártires da luta. Retomou também a questão do dinheiro: as ideias e lealdades são facilmente compradas, como no caso do advogado, e os comuneiros se impressionam com a quantidade de diplomas na parede do escritório. Leu, a propósito, uma passagem de Antígona, de Sófocles, sobre o dinheiro como a mais funesta das instituições humanas — aquela que arruína as cidades e corrompe as almas. Dina acrescentou que a invisibilidade de Garabombo é seletiva: ele é invisível apenas para a administração pública e a autoridade mais autoritária, sendo plenamente visível aos pares. Aproximou ainda o romance de Terras do Sem Fim, de Jorge Amado, pela figuração do território como lugar de embate — leitura que Marcos endossou, detalhando o trânsito do ciclo do cacau da tomada violenta à internacionalização.

9. Leituras complementares e o dossiê “Muros e cercas”

No tempo final, discutiram-se obras que mobilizam a imagem do muro e da cerca. Guilherme comentou Sombra de Reis Barbudos, de José J. Veiga, em que uma companhia se instala numa cidade (Manairema) e ergue muros por toda parte, dificultando o trânsito das pessoas por pura vontade de poder — paralelo, mas também contraponto, ao muro de Redoble por Rancas: aqui a metáfora é a da opressão de um sistema, não apenas a ampliação de limites. (Registrou-se ainda que ele lera também um livro de Alejo Carpentier, O Reino deste Mundo, não detalhado no encontro.) Dessa imagem partiram outras referências: The Wall, do Pink Floyd (concebido por Roger Waters a partir do muro de Berlim, com o muro como opressão do Estado e da educação; álbum anterior à queda do muro, em 1989, e depois adaptado ao cinema por Alan Parker); a série Arquivos Canopus em Argos, de Doris Lessing, cujo volume A Formação do Representante do Planeta Oito traz uma ficção climática em que se ergue uma muralha contra o avanço das geleiras; São Bernardo, de Graciliano Ramos, com a célebre cena da cerca e da disputa de divisas, exemplo de acumulação primitiva por Paulo Honório; o

conto O Muro, de Jean-Paul Sartre; e a canção “Pesadelo” (Maurício Tapajós e Paulo César Pinheiro), com o verso em que o muro separa e a ponte une.

A partir disso, Guilherme propôs organizar a edição nº 4 da Revista PUB como um dossiê temático sobre “Muros e cercas”. Cada participante escreveria um texto curto (idealmente 3 a 5 páginas; A4, espaço 1,5, Times 12) analisando uma obra à luz da metáfora do muro ou da cerca, sob qualquer perspectiva — inclusive jurídica, por exemplo a demarcação de terras e o impacto do GPS na regularização fundiária, tema que ele ilustrou com o caso da Estação Ecológica Juréia-Itatins, na região de Iguape e Peruíbe, onde os registros imobiliários chegavam a dez vezes a área real por sobreposição de terras. Dispensam-se resumo, palavras-chave e demais exigências de periódicos com Qualis: a proposta é uma revista de literatura e cultura nos moldes de Cult, Quatro Cinco Um e Pernambuco. Guilherme enfatizou que os textos devem ser escritos pelos próprios autores — a inteligência artificial pode auxiliar na pesquisa de fontes primárias, mas não na redação, sob pena de uniformizar os resultados.

Atribuições assumidas até o encontro: Verônica Diana ficou com O Eternauta (a HQ de Oesterheld, e o muro que os personagens erguem com o que encontram na rua); Karla, com Sombra de Reis Barbudos; Dina, com O Muro, de Sartre; Ana pesquisará São Bernardo, de Graciliano; Audrey e Gisele, com The Wall; Marcos poderá contribuir com algo mais teórico (acumulação primitiva, demarcação de terras); Marina verificará possibilidades em seu grupo de leitura; e Guilherme também participará (Scorza). Os textos devem ser enviados até o começo de agosto, para compor a edição nº 4 da revista — que trará ainda outros materiais, entre eles a transcrição de uma entrevista.

Encerramento

Recomendou-se prosseguir a leitura durante as férias de julho (a partir do capítulo 16), mantendo a troca de mensagens por WhatsApp para não perder o ritmo, com retorno das reuniões em agosto.

--

Grupo de Pesquisa "Geografia, Literatura e Arte" - FFLCH/USP
Linha de Pesquisa: Literatura, Ecologia e Decolonialidade: Leituras da América Latina
<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelholinha/61904212277177331417812>

You received this message because you are subscribed to the Google Groups "Grupo de Pesquisa - Literatura, Ecologia e Decolonialidade/America Latina" group.
To unsubscribe from this group and stop receiving emails from it, send an email to gp-ledal+unsubscribe@googlegroups.com.
To view this discussion visit https://groups.google.com/d/msgid/gp-ledal/CAG66omD%3D7XEK%3DoUKAr-xfr6xMXu-VOO_eBYF1gwnBUmPMbrQhw%40mail.gmail.com.

--

Grupo de Pesquisa "Geografia, Literatura e Arte" - FFLCH/USP
Linha de Pesquisa: Literatura, Ecologia e Decolonialidade: Leituras da América Latina
<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelholinha/61904212277177331417812>

You received this message because you are subscribed to the Google Groups "Grupo de Pesquisa - Literatura, Ecologia e Decolonialidade/America Latina" group.
To unsubscribe from this group and stop receiving emails from it, send an email to gp-ledal+unsubscribe@googlegroups.com.
To view this discussion visit https://groups.google.com/d/msgid/gp-ledal/CAC8MWUHu9yu8nyikJ7i-32uA-xp_LhEQ%2B5ysk5TfmWkuKUiodw%40mail.gmail.com.

--

Grupo de Pesquisa "Geografia, Literatura e Arte" - FFLCH/USP
Linha de Pesquisa: Literatura, Ecologia e Decolonialidade: Leituras da América Latina
<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelholinha/61904212277177331417812>

You received this message because you are subscribed to the Google Groups "Grupo de Pesquisa - Literatura, Ecologia e Decolonialidade/America Latina" group.
To unsubscribe from this group and stop receiving emails from it, send an email to gp-ledal+unsubscribe@googlegroups.com.

10/10/2026, 20:51

Gmail - Re: [GP-LEDAL] Ata da Reunião de 29-06-2026

To view this discussion visit https://groups.google.com/d/msgid/gp-ledal/CAG66omCJipjj%3D_jn9UxLhUhj60fBSk1cYOiqbjUwcSBkyFbkNw%40mail.gmail.com.